

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

ESCOLA

N.º 7 – ABRIL/2013 – FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA O PROFESSOR

N.º 1 • OUTUBRO 2012

A formação do professor

N.º 2 • NOVEMBRO 2012

Diálogo igualitário

N.º 3 • DEZEMBRO 2012

Inteligência cultural

N.º 4 • JANEIRO 2013

Transformação

N.º 5 • FEVEREIRO 2013

Dimensão instrumental

N.º 6 • MARÇO 2013

Criação de sentido

N.º 7 • ABRIL 2013

Solidariedade

N.º 8 • MAIO 2013

Igualdade de diferenças

N.º 9 • JUNHO 2013

**Transferibilidade das
atuações educativas
de êxito**

IRRACIONAL É A FALTA DE SOLIDARIEDADE



ANTONIO AGUILERA/ PROFESSOR TITULAR DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EVOLUTIVA E DA EDUCAÇÃO DA “UNIVERSIDAD DE SEVILLA”

Não é em poucos centros educacionais que há uma preocupação sincera por melhorar o rendimento dos alunos e, ao mesmo tempo, educar em valores ético-morais que são considerados necessários para a formação integral da pessoa. Mas não é menos certo que, às vezes, esses dois objetivos são vistos como incompatíveis e, por isso, são desenvolvidas práticas educacionais para alcançar cada um deles que, assim como linhas paralelas, por mais que sejam prolongadas, jamais se encontrarão.

Assim, é frequente que as propostas feitas para aumentar o rendimento escolar continuem fundamentando uma concepção construtivista da aprendizagem e

sejam concretizadas através de medidas que, apesar de afirmarem que seguem um modelo de escola inclusiva, são medidas que segregam. Esse é o caso da separação precoce em itinerários educacionais diferenciados, os agrupamentos homogêneos ou os chamados “grupos flexíveis”, as adaptações curriculares que, se passando pela justificativa do cuidado pela diversidade, acabam consolidando as desigualdades educacionais (INCLUD-ED, 2011); medidas inadequadas as quais se agregam outras insuficientes, como as classes matinais, refeitórios escolares, transporte escolar, entre outras, que não estão direcionadas ao núcleo do fracasso escolar. Por outro lado, nestes mesmos centros educacionais são desenvolvidas atividades direcionadas à educação em valores que são concretizadas na celebração de determinadas datas, como o “Dia Escolar da Paz e não-violência”, em cele-

brações próprias do centro educacional, como as mostras culturais ou diversas campanhas.

Consequentemente, a comunidade educacional vivencia uma espécie de “Síndrome de Penélope” pela qual o que é tecido durante as celebrações “solidárias”, é destecido no dia a dia, baseado nas atuações que segregam. E, o que é pior, nem melhoram os resultados acadêmicos com as medidas apontadas, nem conseguem uma educação em valores com as atuações pontuais e descontextualizadas como as já mencionadas. Assim, parece que estão assumindo que, ou estabelecem estruturas de aprendizagem individualistas, tipo competitivas, que garantam o êxito escolar para alguns, ou estabelecem estruturas cooperativas que formam em valores, mesmo que seja às custas do desenvolvimento de um “currículo da felicidade” que consolide a desigualdade dos resultados.

MELHORAR OS RESULTADOS EXIGE SOLIDARIEDADE E VICE VERSA

Contudo, trata-se de um falso dilema. Isso fica evidente através das práticas educativas de maior êxito para a conquista de resultados escolares, para melhorar a convivência nos centros educacionais e através das teorias mais relevantes no campo das ciências sociais. Estas contribuições estão relacionadas com uma concepção comunicativa da sociedade que destaca o papel das interações e que, no âmbito da aprendizagem, propõem uma concepção dialógica: a aprendizagem dialógica (Flecha, 1997; Aubert, Flecha, García, Flecha e Racionero, 2008), um dos princípios em que é fundamentada e estreitamente articulada com os demais princípios e não como mera justaposição, é a solidariedade.

Por um lado, as práticas educativas de êxito têm um forte componente solidário na superação das desigualdades que são fundamentadas na concepção dialógica da aprendizagem, como são as classes inclusivas, os grupos interativos, a participação e formação de familiares, a gestão do centro escolar a partir de comissões mistas de trabalho, o envolvimento de outros membros da comunidade como voluntários, o fomento das interações tanto dentro como fora da sala de aula, etc. (INCLUD-ED, 2011; Puigvert e Santacruz, 2006).

Por outro lado, as teorias mais relevantes e os autores e autoras mais citados das ciências sociais também destacam as relações de solidariedade como um componente essencial do desenvolvimento e da aprendizagem humana. Assim, na sociologia, Habermas (2003) diz que a subjetividade vem da intersubjetividade que é criada nas interações sociais, sendo o resultado do processo e interiorização das relações mantidas com os outros. Na pedagogia, Paulo Freire (1997) afirma que a relação dialógica é indispensável para o conhecimento e que a natureza social do processo de conhecer faz do diálogo um elemento essencial. Por outro lado, Vygotsky (1989), na psicologia, diz que no desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, estes aparecem primeiro no plano social, nas relações com os outros, e depois no plano intraindividual.

A conclusão é, pois, que perseguir a excelência na educação e formar em valores solidários não somente são dois objetivos compatíveis como ambos se necessitam mutuamente.

ANTICIENTÍFICO É A FALTA DE SOLIDARIEDADE

Traduzindo as contribuições anteriores para uma linguagem sociopolítica, o que os autores citados estão dizendo é que somos o que somos graças aos outros, que somos filhos e filhas da solidariedade, e que, cientificamente, pode-se afirmar que ser solidário é racional. Assim, a solidariedade e a superação das desigualdades não é somente um imperativo moral (o que também é), mas também é racional, científico, e que aquilo que é irracional e anticientífico é a falta de solidariedade.

Se, como nos lembra Paulo Freire (1997), um traço da natureza do ser humano é que ele é feito para a solidariedade (ser dialógico), não é estranho que a pesquisa científica que pergunta por tal natureza coloque em evidência que são as práticas sociais, educativas igualitárias e solidárias que melhor promovem o desenvolvimento e a aprendizagem do ser humano. Do mesmo modo, somente uma economia, uma política, um urbanismo, uma saúde (e poderíamos continuar citando outras áreas do saber) que coloquem no centro de sua reflexão e da sua práxis a pessoa, podem contribuir

com soluções viáveis para os problemas humanos em seus respectivos âmbitos.

As Comunidades de Aprendizagem convergem com as teorias sociais e educacionais mais relevantes ao mesmo tempo em que são inseridas na tradição dos movimentos sociais solidários

Nesta corrente estão situadas as comunidades de aprendizagem, que convergem com as teorias sociais e educacionais mais relevantes ao mesmo tempo em que são inseridas na tradição dos movimentos sociais solidários que se empenharam ao máximo para promover as pessoas que se responsabilizam pelo mundo e pelo tempo que tiveram para viver, superando a reação relativista e pós-moderna do desencanto da primeira modernidade e propondo novas metas que entusiasmem quem não se conforma em aceitar com resignação um mundo no qual crescem as desigualdades.

BIBLIOGRAFIA

- Aubert, A.; Flecha, A.; García, C.; Flecha, R. y Racionero, S. (2008). *Aprendizaje Dialógico en la Sociedad de la Información*. Barcelona: Hipatia.
- Flecha, R. (1997). *Compartiendo Palabras*. Barcelona: Paidós
- Freire, P. (1997). *A la sombra de este árbol*. Esplugues de Llobregat (Barcelona): El Roure.
- Habermas, J. (2003). *Teoría de la Acción Comunicativa. Vol. I e II*. Madrid: Taurus
- INCLUD-ED Consortium (2011). *Actuaciones de éxito en las escuelas europeas*. Colección Estudios CREADE. Madrid: Secretaría de Estado de Educación y Formación Profesional del Ministerio de Educación.
- Puigvert, L. e Santacruz, I. (2006). ‘La transformación de los centros educativos en comunidades de aprendizaje. Calidad para todas y todos’. *Revista de Educación*, 339, 169-176).
- Vygotski, L.S. (1989). *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Crítica.

A SOLIDARIEDADE VIVENCIADA PELO VOLUNTARIADO

CARMEN DELGADO INFANTE/ DIRETORA DA ESCOLA “ELS HORTS” (BARCELONA) E GEMMA BONSONS, SERGI DE GRACIAS E ANA VIDU/ VOLUNTARIADO DOS GRUPOS INTERATIVOS. ESCOLA ELS HORTS

Nossa escola entrou em contato com o projeto Comunidades de Aprendizagem durante este ano letivo. Nos dois primeiros meses de aula fizemos a sensibilização e a primeira coisa que me chamou a atenção – confesso que me deu um pouco de ceticismo – foi o fato de que a participação está baseada de forma totalmente altruísta em diversos voluntários e voluntárias.

Na nossa época em que parece que ninguém faz nada a não ser que seja pelo interesse pessoal por lucro, pensar que alguém se ofereceria para trabalhar sem ganhar, somente com a intenção de fazer o bem para a comunidade, eu achava praticamente impossível e, por mais que os formadores garantiam que em outras comunidades de aprendizagem havia funcionado, eu pensava que talvez era porque ocorriam em vilas ou cidades menores, e estava difícil de acreditar que em uma cidade grande como Barcelona, onde todos estão na correria e sempre falta tempo, onde praticamente não cumprimentamos nem os vizinhos, pudesse surgir esse grupo de voluntariado.

Reconheço que eu estava totalmente enganada. A partir do momento em que nós começamos com os primeiros passos no projeto, com o primeiro Grupo Interativo da turma de sexto ano do Ensino Fundamental, um grupo de voluntários e voluntárias se ofereceu para colaborar. Eram pessoas que vinham do universo da educação ou vizinhos e vizinhas do bairro interessados no projeto e que estavam comprometidos com a dedicação, semana a semana, de parte do seu tempo livre para ajudar na nossa tarefa de conseguir o maior êxito educativo possível para nossos alunos.

Depois da assembléia aberta ao bairro que ocorreu em 30 de janeiro, a quantidade de voluntários que se interessa-



ram em colaborar aumentou mais ainda. Atualmente, a difusão do projeto se estendeu para as universidades, centros sociais, escolas de adultos, bibliotecas, etc., solicitando que as pessoas que estejam interessadas, preencham uma ficha com os dados, a disponibilidade horária e em que gostaria de colaborar. Porque as pessoas não somente se oferecem para colaborar nos grupos interativos, mas também para abrir a escola durante mais horas para atividades extracurriculares gratuitas como xadrez, para auxiliar na biblioteca ou ampliar as horas em que está aberta, para colaborar nas comissões mistas de trabalho, para organizar as tertúlias literárias dialógicas ou os cursos de formação para as famílias, ou para a manutenção do jardim e da horta.

Elaboramos um protocolo com a pauta que os voluntários devem seguir nos grupos interativos onde ficam organizados os objetivos da atuação deles e algumas poucas diretrizes, além de nosso agradecimento pela ajuda deles.

As comunidades de aprendizagem estão baseadas na aprendizagem dialógica, aprendizagem que não somente deve vir da relação professor-aluno mas da interação com todo o tipo de pessoas, do mesmo modo que devem ser, no futuro, as relações dessas crianças na sociedade. Cada pessoa que colabora contribui

com seu grãozinho de areia, no modo de falar, na maneira de tratar os outros, com os diferentes sotaques, com todos os tons que nos fazem sentir diferentes. Esta interação possibilita um respeito e uma compreensão das diferenças de cada indivíduo como um fator enriquecedor e ao mesmo tempo igualitário, no sentido de todos merecerem respeito.

Começamos também as tertúlias literárias dialógicas a partir da leitura de autores clássicos; por um lado, para elevar o nível de leitura dos nossos alunos, mas, por outro, para ensinar nossos alunos e alunas o respeito pelas ideias dos outros, porque lá cada um expressa livremente suas opiniões e, se for o caso, ocorre o debate. Nesta atividade vemos novamente como, entre os companheiros e companheiras, se ajudam a entender os textos, e também quando eles expressam os sentimentos que o texto lhes inspira, eles se tornam mais humanos diante dos outros, e isso inspira sentimentos de compreensão e solidariedade diante da dor, do medo, do amor...

Com a integração de todos os alunos, independente do seu nível acadêmico e da sua procedência, nos grupos interativos e nas tertúlias literárias dialógicas – ambos combustíveis da colaboração, do diálogo e do respeito – pretendemos conseguir ser uma escola mais solidária

e mais democrática, onde nossos alunos e alunas sejam capazes de se formarem plenamente como indivíduos tanto academicamente como humanamente.

Demos poucos passos nestes cinco meses que trabalhamos para conseguir com que nossa comunidade de aprendizagem funcione. Falta ainda muito caminho pela frente, mas a chama da esperança de que outro modelo de escola e de sociedade é possível já acendeu em nós e não vai ser fácil apagá-la, porque já sentimos que não estamos sozinhos diante da difícil tarefa de educar e ensinar.

VOZES DO VOLUNTARIADO

Começamos nosso trabalho voluntário em outubro. Ao entrar na sala de aula, nossos olhos se iluminam, suas caras abrem um sorriso, eles nos recebem com um encanto especial, transmitindo que eles gostam quando nós vamos. Eles já sabem a dinâmica, em seguida começam as atividades. Nós distribuímos as tarefas, eles se organizam e se ajudam mutuamente; se eles têm alguma dúvida, perguntam entre si.

Ficamos entusiasmados de ver a desenvoltura deles. Como os grupos são heterogêneos, se alguém não entende alguma coisa, sempre tem um colega que se oferece para ajudar, dizendo: “Eu te ajudo”. Também ficamos contentes em saber que eles trabalham da mesma forma e se ajudam do mesmo jeito em outras aulas, quando não fazem os grupos interativos, o que prova que essa maneira de traba-

lhar motiva os alunos e vai se consolidando nos seus comportamentos. Por outro lado, esta solidariedade também é transplantada para outros ambientes, no pátio, na biblioteca, nos seus bairros, melhorando, assim, a convivência e a coesão social nos seus entornos, pois eles já sabem que predomina o diálogo igualitário e a convivência entre todos e todas. A solidariedade entre eles e elas também se nota pela mudança de atitude quando eles conversam, já que usam um tom agradável de amizade, eles se ajudam porque querem e porque sabem que assim o colega aprende daquele que explica, mas também entende mais quem explica.

Todo o entorno participativo no qual se concretiza sua aprendizagem tem um claro impacto sobre seus resultados: na primeira avaliação depois de ter começado o trabalho com os grupos interativos com matemática, quase todos foram aprovados (menos um aluno); e no final do trimestre todos os alunos aumentaram suas notas entre um e dois pontos. Tudo isso levando em conta que em um trimestre eles tinham trabalhado mais assuntos do que em qualquer outro antes. Este impacto também pode ser visto no dia a dia dos grupos interativos, pois notamos como cada vez mais todos aprendem mais, desde aqueles que têm mais dificuldade até aqueles que mostram mais habilidades. Além disso, a distância que havia entre eles vai sendo reduzida diariamente. A solidariedade que é criada dentro do grupo faz com

que todos e todas fiquem motivados por fazer bem o exercício, entender e proporcionar com que todo o grupo faça. E, se para que isso ocorra é preciso não sair para brincar no pátio, são eles mesmos que não saem quando toca o sinal. Eles ficaram tão motivados pelos grupos interativos que começaram a fazer também na disciplina de Catalão.

Este impulso por aprender, a vontade de saber, de refletir, os voluntários e as voluntárias são percebidos em cada sessão; por exemplo, quando entramos nos grupos e eles dizem: “Oba! Matemática!” Há alguns meses atrás não seria possível imaginar que a matemática fosse tão motivadora. Eles perguntam por quê não vamos mais dias na semana. Outro exemplo do quanto eles gostam desse modo de trabalhar é o caso de uma menina que tinha médico semanalmente e ela mudou o dia para não perder o melhor: os grupos interativos de matemática!

Para nós também é muito gratificante participar da aprendizagem deles e ver seus olhos cada dia mais brilhantes, assim como oferecer-lhes um referência significativa. Alguns do nosso grupo são imigrantes, assim como parte dos alunos da classe, alguns vêm da universidade, lugar onde sonham chegar as crianças e onde suas famílias aspiram que eles cheguem, famílias que também participam do trabalho voluntário. Constitui-se, portanto, uma contribuição mútua entre os alunos e o voluntariado de modo diversificado e plural.

SOLIDARIEDADE DO VOLUNTARIADO NO AUMENTO DO TEMPO DE APRENDIZAGEM

DIREÇÃO DO CEIP ALBOLAFIA (CÓRDOBA)

Eu gostaria de começar este artigo por um exercício de memória ao lembrar do ano letivo de 2007/2008, quando um grupo de professoras foi, no dia 24 de outubro (data da festa local de Córdoba), visitar o CEIP Andaluzia em Sevilha. Elas estavam motivadas pela experiência deste centro educacional como comunidade de aprendizagem (CA) relatada pelo então diretor

Eduardo Barrera. O centro educacional, assim como o nosso, está localizado em uma zona com uma especial problemática social e econômica. Esta visita nos deu coragem para sonhar que poderíamos mudar o nosso colégio e deu o impulso que necessitávamos para começar a introduzir as mudanças, não somente em nossa prática docente, mas também no entorno; daí, em seguida, começamos a trabalhar. Renovamos nosso compromisso com al-

gumas linhas de trabalho que havíamos introduzido e iniciamos algumas novas, como oferecer ensino de qualidade, conseguir com que nosso aluno desenvolva ao máximo suas capacidades ou organizar os recursos humanos de forma que os apoios sejam feitos dentro da sala de aula. Além disso, também aumentamos as horas de Inglês e Língua devido aos baixos resultados obtidos nas avaliações, melhoramos a convivência elaborando e chegando a um

acordo sobre as normas de convivência com as famílias, os alunos e os professores, demos o impulso e facilitamos a participação da comunidade no centro educacional.

Graças à solidariedade e ao envolvimento de toda a comunidade, foram modificados os comportamentos e melhorados os resultados acadêmicos

Desde esse momento, consideramos nosso centro educacional como um espaço aberto para a cooperação e colaboração, não somente das pessoas que compõem a comunidade educativa, mas também de outras instituições, profissionais que trabalham no bairro e pessoas interessadas em prestar um serviço em benefício da comunidade, doando seu tempo e seus conhecimentos. Portanto, buscamos e propiciamos a participação das famílias na formação e na educação dos alunos.

Ao mesmo tempo, começamos a participar e a trabalhar em um projeto de colaboração e de pesquisa com a Universidade de Córdoba (UCO), frequentamos cursos de formação, solicitamos assessorias através do CEP (N.de.T: Centros de formação para os professores) e estabelecemos acordos de colaboração e coordenação com as ONG's que começavam a se envolver no bairro ou as que já vinham trabalhando lá, como "Encuentro en la calle", "Kamira", "Adsan" e "MZC".

Em setembro do ano letivo de 2011-2012, recebemos a formação, na fase de sensibilização, para a construção da CA. Em dezembro, depois de uma longa reflexão, tomamos a decisão de fazê-la. Uma vez que foi aprovada pela Direção, foi ratificada pelo Conselho Escolar. Começamos, assim, o caminho que queríamos que culmine na edificação de uma escola pública inclusiva e transformadora do entorno. Uma peça central deste caminho foi e é o voluntariado que, interagindo com os professores, persegue os mesmos objetivos. Começamos a trabalhar com os grupos interativos e com as tertúlias lite-



rárias dialógicas na metade do segundo trimestre, com os alunos de 4º e 5º ano.

Neste ano letivo começamos com os grupos interativos no Ensino Fundamental e na especialidade de Inglês. No segundo trimestre foram incorporados aos grupos de Educação Infantil. As tertúlias literárias dialógicas são realizadas nas salas de alunos de 8 a 12 anos de idade e na Educação Infantil para alunos de 5 anos; para os alunos de 6 a 8 anos são feitas atividades para animar a leitura. O voluntariado destas atividades é composto por professores e alunos da UCO, na sua maioria da faculdade de Pedagogia, mas também participam professores aposentados, famílias, vizinhas do bairro, pessoa das ONG's e ex alunas. Além disso, as entidades que nos rodeiam também mostraram sua solidariedade participando na escola e estendendo o tempo e o espaço de aprendizagem e diálogo para toda a comunidade. "Encuentro en la calle", através da sua educadora de rua, trabalha com mães e mulheres do bairro. Este ano letivo está preparando, nas instalações do centro escolar, um grupo para o exame final (N.de.T: para obtenção do diploma escolar de segundo grau) e, com a ajuda da coordenadora do "Plan de Igualdad", prepararam as atividades para comemorar o Dia da Mulher. No ano letivo passado já tivemos a primeira experiência: as mulheres prepararam e desenvolveram oficinas com os alunos de 8 a 12 anos. Em nosso centro educacional, ONG's como "MZC", "Kamira", "Adsan" e o voluntariado com diversos perfis, como um vizinho do bairro e voluntárias que vêm da cidade, possibili-

tam que o horário extracurricular esteja repleto de atividades como formação em gênero para mulheres e alunos; atividades na biblioteca escolar ou uma oficina de informática e alfabetização dirigido a mulheres da comunidade, entre outras.

Todas estas experiências são muito importantes para nossos alunos, já que estar em contato com pessoas tão diversas quanto à formação, cultura e procedência enriquece ainda mais sua formação e suas relações interpessoais. Mesmo que não tenha sido feita uma avaliação sistemática desta experiência concreta, pudemos observar, através das provas internas e oficiais que foram feitas (Escala e Diagnóstico), que os resultados obtidos vão melhorando em relação aos anos letivos anteriores, até o ponto em que alguns deles pareciam impossíveis.

Por exemplo, que os alunos da Educação Infantil comecem com êxito em leitura, que se desse com naturalidade as especialidades de Inglês e Música, ou que, no primeiro ano, se consiga com êxito a leitura e o conhecimento da numeração e as operações básicas. Ou seja, observamos que, graças à solidariedade e ao envolvimento de toda a comunidade, foram modificados os comportamentos e melhorados os resultados acadêmicos. Os alunos começam a respeitar com normalidade a vez de falar, escutam com mais atenção, vão utilizando o diálogo como um meio para chegar aos acordos e, pouco a pouco, vão valorizando a colaboração e participação do voluntariado, como um recurso que demonstra valores e formas de se relacionar diferentes das que habitualmente eles veem em seu entorno.

SOLIDARIEDADE DAS FAMÍLIAS DE NOSSA CA

ANTONIA GARCÍA CRUZADO/PROFESSORA
E DIRETORA DO CEIP VIRGILIO
FERNÁNDEZ PÉREZ (MILLANUEVA DEL RÍO
Y MINAS, SEVILHA).

Nosso centro educacional, o CEIP Virgilio Fernández Pérez, está localizado em Sevilha, na cidade de Villanueva Del Río y Minas, um antigo povoado de mineradores que, após o fechamento das minas de carvão em 1975, entra em declínio econômico, social e cultural, perdurando até hoje. Esta situação marcou as características da nossa escola e dos nossos alunos. Uma escola cuja principal característica é a heterogeneidade em relação ao nível curricular e social de nossas crianças; uma escola que busca trabalhar com essa heterogeneidade, fazendo com que isso seja um fator de enriquecimento para poder, assim, dar uma solução educativa de qualidade para todos e todas.

Durante todo o ano letivo de 2009-2010, gerou-se um profundo debate e reflexão no seio de nossa equipe educacional, em torno da análise dos resultados escolares das nossas crianças, sobre quais tinham sido nossas atuações educativas até esse momento, que grau de efetividade tiveram e como poderíamos melhorar esses resultados. Estávamos em um processo de busca de novas práticas que melhorassem o êxito de nossos alunos e alunas e precisávamos saber para onde poderíamos dirigir a mudança. Foi, então, quando nossa opção pelas atuações educativas de êxito se concretizou na proposta de comunidades de aprendizagem, com a formação e transformação que isso acarretava para todos e todas. E foi na manhã do dia 29 de Março de 2011, quando, em uma assembleia de familiares, tomou-se a decisão e, juntos, começamos o caminho.

Apesar de que o objetivo principal que nos preocupava nos primeiros momentos era melhorar os resultados – e esse foi o motor da nossa transformação –, ao aprofundar na nossa formação sobre

os princípios da aprendizagem dialógica, vimos a importância destes fundamentos teóricos. Apesar de que todos os princípios eram necessários para a mudança que necessitávamos e desejávamos para nossa escola, tínhamos clareza de que um deles, a solidariedade, era primordial para poder concretizar uma transformação dessa envergadura.

O termo solidariedade, como é definido pela sociologia, é um sentimento de unidade baseado em metas e interesses comuns. É assim nosso centro educacional, voluntários e voluntárias, crianças, professores e funcionários compartilham interesses, esperanças, recursos e um objetivo comum: que nossos alunos possam alcançar as mais altas metas independentemente das “capacidades” atribuídas a eles e da situação social, familiar ou econômica. Cada um de nós possui algo que pode dividir com os outros, por isso todas as pessoas dependem dos outros. Em nosso centro educacional, pudemos ver como a solidariedade é gerada entre todos e todas, solidariedade entre iguais mas também com e entre as pessoas adultas.

Por um lado, a solidariedade entre os alunos em nossa comunidade de aprendizagem é observada cotidianamente quando as crianças ajudam e se deixam ajudar. Sendo beneficiadas por esta interação, vão aprendendo que a sua classe é um lugar onde ninguém fica de fora e onde cada um aprende com os outros. Logo, ajudar é tão importante e benéfico como deixar-se ajudar.

Por outro lado, a solidariedade do voluntariado também é essencial. Na primeira assembleia que fizemos com os familiares e com as instituições, assim como em reuniões posteriores, mantidas para convocação e formação dos voluntários de grupos interativos, explicamos de forma clara que, sem a sua colaboração, esta atuação educativa de êxito não seria possível. Contamos com um grupo de 54 pessoas formado por mães, alguns pais, antigos alunos do centro educacional, avós e avôs, colegas aposentados,

funcionários, gente que não duvidou em dizer “sim”. Organizaram seus horários de trabalho, suas tarefas domésticas, seus estudos e outros assuntos e decidiram participar da vida acadêmica do centro educacional. Eles sabem que sua presença permite, juntamente com outras pessoas, dar uma solução de qualidade para nossas crianças. São a solidariedade, generosidade e outros valores que fazem com que esse grupo de pessoas esteja em nossa escola diariamente.

Eles frequentam o centro educacional para participar dos grupos interativos, comissões mistas de trabalho, tertúlias literárias dialógicas... sem esperar nada em troca, somente a satisfação do trabalho bem feito, da cumplicidade e do carinho das crianças. Quando perguntamos por que eles participam como voluntários e voluntárias, e como se sentem, suas respostas não passam em branco:

- “Me sinto contente porque ajudo e ao mesmo tempo aprendo muito com as crianças, elas são muito alegres e carinhosas. Quando eu falto, sinto saudades delas.”

- “Me sinto feliz e satisfeita de poder colaborar como mãe. Encorajo todas as mães e todos os pais para colaborarem neste projeto que faz um bem para nossas crianças. Obrigada por me darem a oportunidade de ajudar.”

- “Sempre me perguntam por que eu continuo participando dos grupos interativos se minhas filhas já estão estudando no Instituto e deixaram de ser alunas deste centro educacional. Minha resposta é simples, esta forma de trabalhar é benéfica para as crianças. Sinto uma imensa satisfação por poder contribuir com meu grãozinho de areia para este projeto onde já podemos ver alguns resultados. Só preciso sacrificar duas horas por semana do meu tempo e, em troca, recebo respeito e carinho.”

Já na fase dos sonhos, a solidariedade se mostrou presente e em nosso “Trem dos Sonhos” havia um que dizia “que nossa experiência sirva e seja estendida a outros colégios, isto deve chegar

para as crianças”. E se fez realidade, um grupo de mães percorreu até 40 km para ir a outros povoados da zona para contar sobre o nosso projeto.

Em terceiro lugar, destaca-se a solidariedade dos professores. Tradicionalmente, o professor ou a professora está somente na sua sala de aula, fazendo dela seu pequeno *Reino de Taifas*. Agora os professores de nosso centro educacional permitem, aceitam e compartilham suas salas de aula com familiares e outros membros da comunidade que não são meros observadores, mas que são participantes ativos na educação de suas crianças.

Estas interações entre voluntários, alunos e professores estão favorecendo e contribuindo para uma educação em valores, onde a solidariedade é um dos pilares de nossas relações. As crianças interiorizam essa solidariedade porque podem ver, cotidianamente, em seu ambiente: seus familiares vêm ao colégio para ajudar os colegas de outras classes. Seus professores e professoras dividem suas salas de aula com outros adultos e já não estão sozinhos. E eles compartilham seus conhecimentos e habilidades com os outros. Ajudar e compartilhar é algo natural nas nossas relações. Tem uma forma melhor de educar?

Estas interações de colaboração estão permitindo com que, ainda sendo muito longo o caminho que falta para percorrer, os resultados escolares de nossos alunos e alunas vão melhorando; mas, além disso, também estão indicando que a solidariedade, que é um dos valores humanos por excelência e é a base de muitos outros, faz com que seja presente em nosso centro educacional e no entorno que nos rodeia.

Finalmente, somente me resta agradecer todas as pessoas (professores, voluntários, voluntárias, funcionários, familiares, alunos, CEP) que colaboraram solidariamente para que nosso grande sonho de uma escola melhor seja possível.

ELKARLANA/TRABALHO COMUNITÁRIO



JUANA GONZÁLEZ MENADAS/
COORDENADORA DE COMUNIDADES
DE APRENDIZAGEM DO COLÉGIO
BELASKOENEA E PROFESSORA DE
REFORÇO LINGÜÍSTICO.

A Escola Belaskoenea é um centro educacional de bairro no qual, por diferentes motivos, existe uma grande diversidade dentro das famílias e entre os alunos. Nosso objetivo sempre foi encontrar uma solução para as situações que a realidade nos impõe, mas, às vezes, no caminho encontramos diferentes dificuldades que deixaram nossa equipe exausta. Assim estávamos quando o professor do Centro de Recursos e algumas professoras que esti-

veram em um curso sobre comunidades de aprendizagem, nos encorajaram para fazer a semana de sensibilização. Durante a formação, convidamos para participar os voluntários do Magistério e Pedagogia, famílias, monitores e monitoras do refeitório, pessoas de fora da escola como assistentes sociais, associações de bairro, prefeitura, inspetor de ensino... Quando terminou a semana de formação e reflexão, todos e todas sentiram que alguma coisa havia mudado: começamos o caminho de transformação na direção do que atualmente é a escola: a comunidade de aprendizagem de Belaskoenea.

O olhar de todas as pessoas que participaram se uniu e focalizou em nossos alu-

nos com um objetivo comum, conseguir a melhor escola para todos e todas e com a sua participação. Isto ocorreu há seis anos e a partir daí nunca mais nos sentimos sozinhos, já que formamos parte da rede de comunidades de aprendizagem.

Desde então, graças à ampliação e à solidariedade de toda a comunidade, começamos a andar com uma grande diversidade de ações como a abertura de novos fóruns de participação, de integração; agentes externos que garantem a integração de famílias, alunas, alunos em situação desfavorecida; abertura de novos espaços de formação; melhor organização interna e renovação das instalações; relações mais fluidas com

as distintas classes sociais; atividades de reforço fora do horário escolar (por exemplo, o PROA, o coral, ou o plano de reforço escolar que iniciamos esse ano), etc. Também começamos a trabalhar com o voluntariado e desenvolver atuações educativas de êxito como os grupos interativos, as comissões mistas de trabalho e as tertúlias literárias dialógicas com as famílias.

Constatamos que, durante todos esses anos, a situação da escola e de nossos alunos melhorou, mas queremos mais ainda. Sentimos que podemos ajudar mais e melhor para que nossos alunos desenvolvam suas competências ao máximo.

Uma iniciativa onde a solidariedade da comunidade foi crucial foram os grupos interativos, uma atuação que, durante esses anos, foi incorporada dentro das salas de aula.

Os grupos interativos são uma forma de organização da sala de aula a qual os alunos são agrupados de modo heterogêneo, tanto em questões de gênero, cultura como pelo nível de aprendizagem. Através desses grupos trabalhamos diferentes estratégias com uma finalidade comum: que todos os nossos alunos tenham a possibilidade de fazer a tarefa que foi pedida com êxito. Ao mesmo tempo, eles aprendem a colaborar com seus colegas: dando pistas, tomando a iniciativa, esperando sua vez para falar, fazendo acordos sobre um método de trabalho, propondo

ideias, argumentando... As pessoas que fazem a dinâmica dos grupos (voluntariado de institutos, estudantes de universidade, voluntariados de associações, alunos e alunas mais velhos, professores) são formados quando começa o ano letivo, com a finalidade de estarem capacitados para conseguirem promover as interações entre os alunos. Seu papel está centrado em orientar os grupos para que eles saibam se organizar, para que participem da dinâmica, para que entendam, para terminar as atividades, para encorajar seus membros...

Toda esta organização não funcionaria se não pudéssemos contar com a solidariedade de muitas pessoas como as tutoras que abrem as portas das salas para os voluntários e voluntárias e que ficam responsáveis pela preparação, acompanhamento e avaliação da atividade; os professores do instituto e da universidade que acreditam em nosso projeto estão envolvidos na busca de alunos voluntários e abrem portas; voluntariado de institutos, estudantes universitários, voluntariado de associações, alunos mais velhos, etc. Todas essas pessoas utilizam seu tempo para fazer formação, participar, contribuir com sua experiência, seu conhecimento, sua forma de ser, enfim, para fazer parte de nosso projeto. O trabalho do voluntário, além disso, é muito bem valorizado pelo centro educacional e pelas famílias.

Em geral, podemos dizer que somos uma comunidade de aprendizagem que compreende que o esforço e a participação de todos e todas é necessário e valioso. Isto também implica na participação dos professores que flexibilizam seus horários para participar dos diferentes grupos de reforço, grupos interativos, etc. Nossa reorganização fez com que as professoras de apoio linguístico, necessidades educativas especiais ou a assessora façam seus apoios dentro das salas de aula, procurando não retirar as crianças da sala. A orientação inclusiva que mantemos em nosso centro educacional permitiu com que todos os alunos e alunas estivessem integrados na sua sala e se sentissem parte do grupo, sendo também o grupo classe beneficiado com os diferentes apoios e a diversidade de interações que são introduzidas.

Na avaliação dos alunos e alunas encontramos estas respostas:

- “Trabalhamos mais, lemos e escrevemos muito”.
- “Prefiro estar dentro da sala porque aprendo mais com todos”.
- “Me sinto mais ajudado”; “É melhor, se tenho dúvida, me ajudam”.
- “Nós também nos ajudamos...como nos grupos interativos”.

Pensamos que com esforço, solidariedade e esperança estamos conseguindo fazer uma escola inclusiva, integradora, participativa, solidária e com resultados melhores.



ESCOLA Directora: Carmen Navarro. Chefe de redação: Pablo Gutiérrez del Álamo. Redação: Mari Carmen Romero e María Piedrabuena. C/ Orense, 16 - 28020 Madri •

Telefone: 91 418 62 96 • Fax: 91 556 68 82 • escuela@wke.es • www.periodicoescuela.com

Chefe de Publicidade: Paloma Artero. Tel. 91 418 62 95. publicidad@wkeeducacion.es

Paginação: María Piedrabuena

Subscrições e Atenção ao Cliente: C/ Collado Mediano, 9 - 28230 Las Rozas (Madri) • Telefone: 902 250 500 • Fax: 902 250 502

clientes@wkeeducacion.es • www.wkeeducacion.es

Edita: WOLTERS KLUWER ESPANHA, S.A. www.wke.es. Conselheiro: Vicente Sánchez. Diretor Geral: Vicente Sánchez. Diretora de Publicações: Carmen Navarro.

Depósito Legal: M-40443-2011. ISSN: 1888-2781

Coordenação: CREA-UB

Elabora:

ESCUELA



Tradução: Gabriela Doll Ghelere

